

HOMENAGEM DE VIDA

**Marilda Villela Iamamoto:
de Minas à Marx e de volta ao começo**

Ana Paula Procópio da Silva*

Estou certa de que muitas/os assistentes sociais, mestras/es, doutoras/es e pós-doutoras/es formadas/os sob a orientação de Marilda Villela Iamamoto gostariam de homenageá-la, como tenho aqui a oportunidade. Por isso penso, quanta responsabilidade! Indubitavelmente a sua qualificada produção sobre o Serviço Social na reprodução das relações sociais, que fundamentou grande parte dos processos de renovação crítica do Serviço Social latino-americano nos últimos 40 anos são motivos mais do que suficientes para lãureas. Contudo, a vida excede o entendimento teórico, pois é feita dos tropeços no possível e da insistência na “descoberta do que tem dentro da casca do impossível” (ANDRADE, 2006). Assim, para além de homenagear sua contribuição acadêmica, eu tenho neste espaço a chance de expressar a gratidão por seu empenho em manter viva em nossas mentes e corações a ideia da descoberta cotidiana que é a possibilidade coletiva de construirmos a nossa própria história, como assistentes sociais e sobretudo, como sujeitas/os.

Conheci pessoalmente e iniciei meu convívio com a Marilda de uma forma inusitada, mas que ao mesmo tempo me permitiu tratá-la assim pelo primeiro nome. Eu, caloura do curso de Serviço Social da Uerj, em 2001, comecei a frequentar o Centro Acadêmico e me voluntariei para coletar doações para o Livro-ouro da ida de uma delegação ao XXIII Encontro Nacio-

*Doutora em Serviço Social. Professora da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Coordenadora do Programa de Estudos e Debates dos Povos Africanos e Afro-americanos - PROAFRO UERJ. *Correspondência:* Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ: Rua São Francisco Xavier, 524, 8º andar, bloco E, sala 8.017, Maracanã – Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20550-900. *E-mail:* <anapaulaprocopio@yahoo.com.br>.

nal de Estudantes de Serviço Social que seria em julho daquele ano na cidade de Brasília. A empolgação era redobrada pelo fato de que iríamos submeter a candidatura para sediar o Encontro do ano seguinte. “ENESS 2002 no Rio de Janeiro” era a nossa frase de convencimento para angariar os fundos da viagem. E, junto com outras colegas, adentramos em uma reunião da pós-graduação para passar entre as professoras o nosso Livro-ouro. Lembro-me dela na reunião bastante atenta às nossas falas sobre a importância do Encontro e da participação da Uerj e, ao final, colaborou e elogiou efusivamente a iniciativa.

Fomos para Brasília, sediamos o ENESS na Uerj em 2002 e ocupei, até 2003, a Secretaria de Formação Político Profissional da ENESSO – Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social. Durante um ano viajei pelo país conhecendo as escolas e debatendo com as estudantes sobre as diretrizes curriculares. A duras penas conciliava a militância estudantil, a participação nas aulas e a inserção como bolsista de iniciação científica na pesquisa da professora Lucia Maria de Barros Freire sobre as transformações no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo, a escolha de dedicação exclusiva à vida acadêmica implicava em “viver de bolsa” e abdicar de empregos formais cujos horários restringiam a participação em atividades extraclasse. E Lucia, ciente das minhas dificuldades financeiras, me indicou para o trabalho com uma “professora famosa no Serviço Social” que prestaria concurso para docente titular na Faculdade de Serviço Social da Uerj e precisava de uma pessoa para ajudá-la na organização do currículo Lattes. A professora era a Marilda. E, durante mais de um ano, trabalhei constantemente na sua casa, acessando a sua vida acadêmica para o currículo e tendo o privilégio de conversas inspiradoras sobre a profissão, que contribuíram na elaboração do meu próprio caminho pelos Fundamentos do Serviço Social como campo de estudos articulado às dimensões de raça/etnia e gênero na sociedade brasileira.

Com a sua incorporação na Uerj, me tornei bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, na pesquisa *Estado, classes trabalhadoras e Serviço Social no Brasil*, e participei da implantação do Centro de Estudos Octavio Ianni, em 2006, uma iniciativa concebida por ela e plenamente apoiada pela Faculdade de Serviço Social. E integro, desde a sua criação, o Núcleo de Estudos Estado, Classes Trabalhadoras e Serviço Social – NECLATSS, cadastrado sob sua coordenação no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Foi assim que começou nossa história de trabalho e de afeto.

Hoje, passados quinze anos, nos tornamos colegas de trabalho docente e de pesquisa e, arrisco a dizer, amigas, parafraseando um de seus escritores favoritos, Guimarães Rosa: “Amigo, para mim, é só isto: é a pessoa com quem a gente gosta de conversar, do igual o igual, desarmado. O de que um tira prazer de estar próximo. Só isto, quase: e todos os sacrifícios” (ROSA, 2009).

Mineiridade e marxismo, com poesia

Mineira de Juiz de Fora e como ela própria diz, *criada na roça*, concluiu em 1971 o curso de Serviço Social na Universidade Federal de Juiz de Fora. E, mesmo tendo atravessado os tempos sombrios da ditadura e sofrido o arbítrio do Estado na década de 1970, quando foi presa, torturada, condenada pelos tribunais militares a seis meses de reclusão e perdeu seu emprego público no Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, não se escusou aos estudos e à crítica rigorosa da profissão no interior das relações sociais forjadas na sociabilidade capitalista.

Ainda na vigência do regime autocrático, encaminhou, em parceria com Raul de Carvalho, vinculados ao projeto de investigação do Centro Latino Americano de Trabalho Social – CELATS sobre a História do Trabalho Social na América latina, as pesquisas que resultaram no livro *Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica* (1982). A obra que está em sua 41ª edição tem como perspectiva de análise o desvendar do significado histórico da profissão no contexto de aprofundamento do capitalismo na sociedade brasileira e, nesta direção, implementa o suporte para os debates posteriores acerca do Serviço Social como partícipe da divisão social do trabalho e as implicações derivadas de sua inserção particular neste âmbito.

Durante a década de 1990, no contexto da globalização mundial sob a hegemonia do grande capital financeiro, continuou exortando as/os assistentes sociais a pensar as transformações econômicas e sociais, suas repercussões para o trabalho, e as alternativas ético-políticas ao exercício e à formação profissional crítica e competente, avessa à fatalismos, messianismos e/ou voluntarismos.

Em *Renovação e conservadorismo no Brasil: ensaios críticos* (1992) saúda, na primeira epígrafe, a *sabedoria e mineiridade* dos seus pais, Moisés e Hilda, qualidades que também demonstra ao longo da coletânea, cujos ensaios articulam uma veemente crítica à herança conservadora na profissão e aos dilemas e falsos dilemas que obliteram as possibilidades de ruptura com este modelo.

[...]. A passagem da escuridão do regime militar à reconquista dos direitos políticos deu novo alento a nossas vidas e a nossas esperanças no horizonte da construção da democracia e do socialismo. Certamente a essa força maior pode-se creditar a fertilização do debate profissional, que forjou avanços e resistências e estabeleceu a convivência pluralista na arena profissional. O Serviço Social vem se movendo, assim, a partir da recusa a deixar-se cegar pelo conservantismo, perseguindo os caminhos da renovação, em parceira com o tempo e a história (IAMAMOTO, p. 15, 1992).

“Este é tempo de divisas, tempo de gente cortada”. É com este poema do mineiro Carlos Drummond de Andrade que Marilda abre o pri-

meiro texto de *Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional* (1998). A coragem para não se diluir na fragmentação dos tempos contemporâneos que atinge a todos é o desafio da análise e atuação qualificadas das/os assistentes sociais que ela enfaticamente sinaliza.

Mais que nunca é preciso coragem, é preciso ter esperanças para enfrentar o presente. É preciso resistir e sonhar. É necessário alimentar os sonhos e concretizá-los dia-a-dia no horizonte de novos tempo mais humanos, mais justos, mais solidários [...] (IAMAMOTO, p. 17, 1998).

As poéticas mineiras e o marxismo formam um duo em sua trajetória, mas, particularmente em *Trabalho e indivíduo social* (2001), ela própria faz poesia no encontro com a questão agrária para decifrar os processos da sociabilidade fundada no trabalho agrícola, a partir de leituras aprofundadas de *O Capital* e dos *Grundrisse* e das pesquisas de campo realizadas com migrantes sazonais trabalhadores na agroindústria canavieira paulista, quando compara a publicação da obra, estrangeira ao serviço social *stricto sensu*, com um baú que revela uma dimensão desconhecida da sua carreira profissional e acadêmica que sempre caminhou *pari passu* com o tempo da roça.

A abertura do baú é motivo de alegria, porque as flores se transformaram em frutos. E chegou o tempo da colheita, de socializar o trabalho silenciosamente realizado. E o tempo da colheita é tempo de festa. Tempo de cantar a esperança que possa estremecer os remansos quietos e remover os lodaçais, que envolvem a vida dos sujeitos que aqui tem voz (IAMAMOTO, 2001, p. 13).

Demonstrar teoricamente a vivência do trabalho como castigo e rebeldia, sem perder a dimensão de que uma longa luta se avizinha, mas que como diz Maiakóvski “Primeiro é preciso transformar a vida para cantá-la – em seguida [...]” é uma habilidade que certamente insere Marilda no rol de intelectuais imprescindíveis ao nosso tempo.

“A gente tem que sair do sertão! Mas só se sai do sertão tomando conta dele a dentro [...]” (ROSA apud IAMAMOTO, 2007, p.48). O mundo de Guimarães Rosa atravessa todo o livro *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social* (2007), originado da tese apresentada ao concurso para professora titular do Departamento de Fundamentos da Faculdade de Serviço Social da Uerj. O sertão como metáfora do mundo é um dos guias que Marilda nos oferece para compreendermos a inversão dos sujeitos em objetos, como expressão de uma sociabilidade que impele à auto-alienação humana.

Os seus livros nos chegam como conteúdos praticamente obrigatórios dos programas de graduação e pós-graduação em Serviço Social, mas podemos situá-los além, como ferramentas indispensáveis para desvelarmos, não só como assistentes sociais, mas como artífices, a opacidade

das aparências dos processos sociais e como encorajamento poético ao desafio cotidiano de afirmar uma profissão voltada para a defesa dos direitos da classe trabalhadora e do compromisso democrático radical com vistas à emancipação humana.

De volta ao começo

O marco de sua produção iniciado com *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil* retorna agora na pesquisa *O Movimento de Reconceituação do Serviço Social na América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia)*: determinantes históricos, interlocuções internacionais e memória cujo interesse recai sobre os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social na história, as experiências de formação e pesquisa e as incidências no exercício profissional nos países considerados. É um revir ao ponto de onde começou as suas pesquisas sobre o Serviço Social, pois a compreensão da profissão inscrita na sociabilidade capitalista mantém-se como o pressuposto das análises. Não por acaso, o seu regresso à Juiz de Fora ocorre concomitante com o nosso movimento de prospecção da memória da pesquisa na profissão, em seu acervo pessoal, onde frequentemente nos deparamos com documentos que demonstram os esforços coletivos para superação do tradicionalismo e a construção do Serviço Social identificado com o universo amplo do pensamento crítico.

Os fios que tecem a vida de Marilda são entrelaçados por mineiridade, marxismo e poesia, mas com seu brilhantismo, pessoalmente ou em seus escritos, ela tem também nos impelido a tecer nossas vidas com criticidade, luta e resistência, sem perder a simplicidade e a ternura.

Referências

ANDRADE, C. D. de. Procurar o quê. In: ANDRADE, C. D. de. *Boitempo: esquecer para lembrar*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

IAMAMOTO, M.V. *Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Trabalho e indivíduo social*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 1998.

IAMAMOTO, M.V. *Renovação e conservadorismo no Serviço Social; ensaios críticos*. São Paulo: Cortez, 1992.

IAMAMOTO, M.V.; CARVALHO, R.de. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez; Lima, Peru: CELATS, 1982.

MAIAKÓVSKI, V. A Sierguéi Iessiênin. In: CAMPOS, A. de; CAMPOS, H. de; SCHNAIDERMAN, B. (Orgs.) *Maiakóvski — Poemas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1982.

ROSA, J.G. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

DOI:10.12957/rep.2018.36705



A Revista Em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.